



Momento Florestal

Deagro/Divisão de Cultivos Florestais
Deral/Divisão de Conjuntura Agropecuária

11/abril/2008

A SERINGUEIRA

Engº Florestal Daros Augusto Teodoro da Silva

A seringueira (*Hevea brasiliensis*) é uma espécie de árvore nativa da região amazônica, cujo látex, conhecido como borracha natural, pode ser utilizado na confecção de diversos materiais, como pneus, calçados, luvas cirúrgicas, chupetas para crianças, preservativos, etc. Na Amazônia a extração da borracha natural se dá em meio à vegetação nativa, onde as seringueiras nascem naturalmente. O plantio homogêneo dessa espécie, naquela região, não é aconselhável, pois suas folhas são atacadas pelo fungo *Microcyclus ulei*, causando a doença do "mal-das-folhas", que diminui o potencial fotossintético das plantas, e, portanto, sua produtividade. Entretanto, existem regiões, fora da Amazônia, que são consideradas áreas-escape do fungo, ou seja, seu desenvolvimento não é tão agressivo a ponto de prejudicar a produtividade de látex¹.

O Estado do Paraná tem potencial para a produção de borracha natural, nas mesorregiões Norte-Pioneiro, Norte-Central, Noroeste e parte da Oeste, no litoral e no Vale do Ribeira. Alguns clones de seringueira têm produzido entre 820 e 1510 kg de borracha seca/ha/ano no noroeste do Estado². Destacam-se os Municípios de Paranapoema, com 70,9 % da produção estadual, e Alto Paraná, com 7,9 %³.

Referências

¹IAPAR. Cadeia produtiva da borracha natural: análise diagnóstica e demandas atuais no Paraná. Londrina: IAPAR, 2000. 85p.

²IAPAR, 2007.

³SEAB/ DERAL, 2006.

CONSERVAÇÃO DO SOLO E FLORESTAS

Engº Florestal Bruno Sânder Moreira Costa

Florestas são imprescindíveis na conservação do solo. Importantes cidades da Grécia Antiga e Ásia Menor, como Tróia, Éfeso, Mios e Priena, tiveram seus portos assoreados devido ao aporte de sedimentos. Com o passar dos séculos, estas cidades deixaram de ser costeiras, afastando-se cada vez mais do mar. A principal causa foi a perda da cobertura florestal, o que desprotegeu o solo e levou a intenso processo erosivo. A madeira, desde a antiguidade, é de importância estratégica para o homem, mas a preocupação com o

reflorestamento nem sempre teve a mesma importância.

Referências

¹PERLIN, J. História das florestas: a importância da madeira no desenvolvimento da civilização. Rio de Janeiro: Imago, 1992. 490p.

IMPORTAÇÃO DE MADEIRA DOS EUA

Engº Florestal Alexandre França Tetto

Diante do quadro cambial, o Brasil tem a possibilidade de atuar em um nicho de mercado pouco explorado, o de produtos de madeiras provenientes dos EUA, como *Cherry*, *Red Oak*, *White Oak* e *Maple*. Em 2006, a importação de produtos florestais e de madeira serrada foi 18,34% e 164,35% maior, respectivamente, quando comparada ao ano anterior. A importação, fabricação e exportação de móveis possui como vantagem o incentivo *drawback*, entretanto deve-se tomar o cuidado de garantir a sua destinação e conseqüente participação da empresa no mercado externo.

Referências:

Centro Gestor de Inovação Moveleiro.

¹Regime aduaneiro em que a empresa recebe os valores das taxas de volta na re-exportação.

VOCÊ SABIA???

Engº Florestal Alexandre França Tetto

O Pinheiro-do-Paraná (*Araucaria angustifolia*), espécie característica da Floresta Ombrófila Mista (Floresta com Araucária), possui vários usos medicinais. O pinhão combate azia, anemia e debilidade do organismo. O cozimento das folhas é eficiente contra anemia e tumores que surgem devido às disfunções dos gânglios linfáticos. A casca, em infusão no álcool, cura cobreiros, reumatismos, varizes e distensões musculares¹.

As folhas, após permanecerem em água, produzem um líquido, que pode ser utilizado para combater bernes e carrapatos.

Na medicina popular, o nó, a casca e os brotos são usados pelos índios de várias etnias do Paraná e de Santa Catarina, no tratamento das afecções do reumatismo, dores causadas por quedas durante a gravidez, contusão ocular, catarata, cortes, feridas, dor nos rins e doenças sexualmente transmissíveis¹.

Referências

¹CARVALHO, P.E.R. Espécies Arbóreas Brasileiras. Brasília: EMBRAPA, 2003. 1039p.